

EDITORIAL

Prezados associados!

É com prazer que concluímos mais uma edição do Informa, desejamos a todos uma boa leitura!

“O processo de aprendizagem se inscreve na dinâmica de transmissão de cultura, que constitui a definição mais ampla da palavra educação”, neste sentido Pain (1985) ainda discorre sobre as quatro funções interdependentes da educação: mantenedora, socializadora, repressora e a última, não menos importante, a transformadora.

É na função transformadora que a ação dos adolescentes mais repercute/atua na realidade, na sociedade e na cultura. Ao final de cada geração, a juventude foi responsável por mudanças significativas para a renovação dos costumes, da música, dos ritmos, da linguagem, ampliando conceitos, diminuindo preconceitos e transformando as relações sociais.

Nos diversos artigos tratados neste periódico, a adolescência é o eixo central para nossa reflexão. O que está acontecendo com nossos jovens? Como entender melhor as dinâmicas envolvidas nesta geração que vive o início do século XXI? São questões significativas para a prática psicopedagógica e educacional: como acolher as demandas que chegam ao nosso consultório, às nossas escolas e instituições? O uso da tecnologia, as novas configurações familiares, os novos sistemas, a drogadição, os problemas gerados pela pandemia do COVID-19, que impactam na saúde mental e social dos adolescentes são questões importantes a serem compreendidas.

Diante deste cenário, para entender melhor o universo da adolescência, a equipe editorial do Informa convidou o historiador Erik Hörner, que nos contemplou com um passeio histórico sobre a origem da adolescência, intitulado '*Da invenção da adolescência à sua compreensão*'; Patrícia Vieira, psicanalista e psicopedagoga, nos traz um artigo sensível sobre a subjetividade no artigo '*Os avatares da adolescência*'; Danila Di Pietro, doutoranda em educação, com o artigo '*Infância e juventude: repercussões pandêmicas*' nos faz refletir e pensar nas diversas frentes a serem trabalhadas e acolhidas; o Dr. Maurício de Souza Lima, médico hebiatra nos prestigiou com uma entrevista enriquecedora, mas também assustadora, que sintetizamos no artigo '*Suicídio, Automutilação e Cigarro Eletrônico*' e ao final temos o texto informativo de Ruth Nassiff, sobre '*O uso de tecnologias*'.

Nossa intenção não foi achar respostas aos desafios impostos pela pandemia, pela sociedade ou por nossa cultura, mas possibilitar aos leitores novos olhares sobre “a realidade atual” e, de alguma forma, nos dar suporte para ajudar essa geração ao resgate da saúde e da aprendizagem.

Como parte integrante do Informa, convidamos o leitor a conhecer o trabalho da Comissão de Ética da seção São Paulo, composto por conselheiros estaduais e integrantes da diretoria gestão 2020 - 2022, que contribuíram muito com as demandas que surgiram em nosso dia a dia e também com propostas de ações que se estenderam a outros núcleos e seções integrantes da ABPP no Brasil.

Os leitores poderão checar nossa agenda cultural para o próximo semestre; as ações culturais desenvolvidas neste semestre na coluna '*Aconteceu*' e as últimas notícias dos nossos projetos sociais.

Agradecemos a todos os associados da seção por estarem conosco na luta por uma Psicopedagogia de qualidade e de atitude ética em nossas ações.

Rebeca Lescher

Diretora Presidente da ABPP SP (gestão 2020 - 2022)

COMISSÃO DE ÉTICA

É com imenso prazer que a Comissão de Ética da ABPP-Seção São Paulo escreve, pela primeira vez, no boletim Informa.

Somos um grupo de conselheiros estaduais e cuidamos das questões que envolvem a Ética no fazer psicopedagógico. Nosso trabalho tem como referencial o *Código de Ética do Psicopedagogo* da ABPP (2019), cuja finalidade é orientar condutas dos profissionais da Psicopedagogia, além de instituir e regulamentar normas que devem orientar a práxis psicopedagógica. O Código de Ética (2019), é um instrumento de proteção para o psicopedagogo e para a Psicopedagogia.

Convidamos você, psicopedagogo, a refletir sobre a sua prática, tendo como referencial o nosso Código de Ética.

Você costuma consultar esse documento? Que tal acessá-lo no site da Seção São Paulo?

https://www.saopauloabpp.com.br/codigo_de_etica.pdf

Precisamos refletir e pensar juntos e sempre sobre o fazer ético.

Essa foi nossa primeira conversa. Seguiremos aqui instigando você, psicopedagogo, a pensar sobre o que é ser ético.

Até breve!

Carla Labaki

Coordenadora da Comissão de Ética da Seção São Paulo

AGENDA CULTURAL

Agosto – Curso para associados

Reunião do Conselho Estadual

Setembro – Curso para associados

Outubro – Curso para associados

Reunião do Projeto Social

Novembro – Dia do Psicopedagogo

Oficina de Jogos

Eleições para nova gestão (2023 - 2025)

Dezembro – Reunião do Conselho Estadual e Posse da nova

Diretoria Executiva (gestão 2023 a 2025)

PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br
saopaulo@saopauloabpp.com.br
contato: 11 9.6416-1030



Da invenção da adolescência à sua compreensão

Erik Hörner é historiador, mestre e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, especialista em Gestão da Educação Básica, pelo Centro Universitário Assunção. Com mais de 15 anos de atuação na Educação, lecionou para adolescentes do Ensino Médio e assumiu a Coordenação Pedagógica do segmento. Atualmente está diretor escolar.

Nas sociedades tradicionais a adolescência praticamente não existe. Isso pode soar estranho para nós, mas simplesmente pula-se da imaturidade para a maturidade e nessa mudança ocorrem os ritos de passagem para meninas e meninos. Elas, marcadas pela possibilidade da maternidade e eles pela possibilidade de prover o grupo ou família.

Essa etapa intermediária que separa a infância da vida adulta, também pouco fazia sentido em nossa cultura ocidental entre finais do século XIX e início do século XX. Não que não houvesse diferença entre uma ou um jovem de 15 anos e uma mulher ou homem de 30, mas a demarcação não era tão clara e socialmente definida. Apenas com o aumento da expectativa de vida e da gradativa necessidade de se preparar os membros dessa faixa etária para etapas mais complexas é que começa a tomar forma a adolescência.

É evidente que se deve considerar os cortes de gênero e classe social, afinal a adolescência de um menino rico na Inglaterra de 1910 foi absolutamente diferente da vivida por uma menina pobre de São Paulo na mesma época. Podemos até conjecturar se ambos, de fato, viveram algo comparável ao ponto de darmos o mesmo nome. Portanto, inicialmente, a adolescência é reconhecível no seio da burguesia, onde investir mais tempo nos estudos e nos vínculos sociais poderia ser, literalmente, um bom negócio.

Quem primeiro percebeu a potência da adolescência como categoria agregadora porque identitária, foram os defensores dos ideais nazi-fascistas. Grupos como a “juventude hitlerista” ou sua versão feminina, a “liga das moças alemãs”, foram criados como forças auxiliares na propaganda ideológica, moldando e disseminando modelos de engajamento. Superada essa época de barbárie, segue indiscutível a força agregadora dos jovens, bem como o espírito de grupo, características que todo educador percebe, para bem ou para mal, no ambiente escolar.

A partir dos anos 1950 a adolescência foi paulatina e consensualmente se consolidando. Cresce o número de estudos médicos, psicológicos e pedagógicos sobre esta fase do desenvolvimento humano, assim como a indústria se segmenta ciente do potencial consumidor dos adolescentes. Este último aspecto só sofrerá algum “abalo” na última década, quando as redes sociais mostraram que além de consumidores, os adolescentes também podem ser grandes produtores para seus pares.

Contudo, a maior contribuição para a compreensão da adolescência se deu nos últimos anos com o avanço dos estudos no campo da neurociência, como foco no desenvolvimento cerebral. Em um mesmo movimento, avançou-se na relativização da importância dos hormônios - por muito tempo a resposta para quase qualquer pergunta era “é culpa dos hormônios!” - e na melhor compreensão do processo de amadurecimento cerebral, especialmente do córtex pré-frontal. Assim, a adolescência que era vista como uma fase dos 12 aos 18 anos, coincidente com a maioridade legal, passa a ser vista como uma etapa de desenvolvimento humano que se estende até os 25 anos. Hoje sabemos que a adolescência não é um processo linear, homogêneo ou padronizado. Mais do que isso, esta etapa é responsável por *inputs* importantes para desenvolvimento humano. Para além dos clichês superficiais do marketing e suas gerações XYZ, o conhecimento acumulado ao longo das últimas décadas por psicólogos, médicos, pedagogos e neurocientistas nos permite compreender a adolescência com a complexidade que já intuíamos

no apoio, manejo e orientação para um crescimento menos doloroso e mais eficaz. Especialmente o campo da Educação, vem ganhando força a compreensão de que a adolescência não é mais simplesmente a fase da preparação para o trabalho, mas uma etapa importante no amadurecimento do indivíduo, com necessidades próprias e implicações para uma vida adulta plena, independente de carreira ou profissão específica. Sem dúvida, um ganho para as novas gerações.

Bibliografia:

- ❖ Marina, José Antonio. "Bases neurológicas del nuevo paradigma adolescente." *Revista Metamorfosis: Revista del Centro Reina Sofia sobre Adolescencia y Juventud* 1 (2014): 21-36. [Acessado 5 de junho de 2022] Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6163199>>
- ❖ SAVAGE, Jon. *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- ❖ Schoen-Ferreira, Teresa Helena, Aznar-Farias, Maria e Silveiras, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]*. 2010, v. 26, n. 2 [Acessado 5 Junho 2022], pp. 227-234. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>>

Os avatares da adolescência

Patricia Vieira é pedagoga pela PUC-SP; Psicopedagoga pelo Instituto Sedes Sapientiae; Psicanalista membro efetivo do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; Organizadora do livro: “Medicação e Medicalização”; Autora do livro “A escola para todos e para cada um”. Contato pelo email: patvieira4@gmail.com

Ao procurarmos em qualquer dicionário da língua portuguesa encontramos o seguinte significado para a palavra adolescência: “*período final do desenvolvimento humano entre o início da puberdade e o estado adulto; juventude; mocidade.*” A palavra adolescência vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando condição ou processo de crescimento.

Outeiral em seu livro **Adolescência** contribui com a seguinte definição: “*Temos assim, etimologicamente, um elemento para pensar essa etapa da vida: condição para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas, psicológicas e sociais).*”

Pois bem, o que faz então esta passagem entre fases do desenvolvimento tornar-se tão delicada e trabalhosa tanto para os pais como para os próprios adolescentes?

Separei alguns elementos dentre vários que contribuem para o trabalho acima mencionado:

- A transformação do corpo da infância
- A passagem do mundo familiar para o mundo social
- Período da construção de novas identificações

A puberdade fisiológica (pilosidade, seios, menstruação, mudança de voz) perturba a imagem do corpo construída na infância fazendo com que o sujeito se reaproprie de seu corpo transformado.

O corpo do infans atraía o olhar dos adultos cuidadores, colocava o pequeno bebê num lugar diferenciado e de reconhecimento. Já o corpo do adolescente passa a ser semelhante ao do seu genitor do mesmo sexo e atrai o olhar de um outro cujo desejo é a atração física se fazem presentes.

É exatamente neste momento quando o outro passa a ser o objeto possível do desejo que os julgamentos e preconceitos ficam mais presentes, muitas vezes aprisionando o adolescente em seus medos e ansiedades frente ao grupo. Para estar num grupo se faz necessário usar os mesmos códigos, andar em bandos, vestir a mesma roupa. Se diferenciar nessa etapa pode ser catastrófico e, ter a cor da pele, o cabelo ou o corpo fora dos padrões impostos socialmente mobilizam tristezas sem fim.

Entramos então no segundo ponto: mundo familiar x mundo social. Pouco adianta os pais dizerem ao filho entristecido que seu cabelo é bonito e que o importante é ele ter confiança em si, pois é exatamente essa confiança que fica perdida em meio a tantas exigências que o universo adolescente coloca ao sujeito.

A identificação é um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um tributo do outro e se transforma total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.

Os pais são inicialmente essa referência e o modelo citados acima. A partir da adolescência é normal e necessário que o sujeito busque outros modelos especialmente no grupo social, por isso temos tantos confrontos com a família.

Nós adultos temos que colocar a atenção nesta busca porque muitas vezes o adolescente encontra representantes sociais que não oferecem valores éticos e morais adequados, levando então, a uma identificação patogênica.

Ao contrário das identificações patogênicas temos as estruturantes que geram a constituição da identidade e de um ego coeso e unitário. Ambas estão presentes em maior ou menor grau no processo de desenvolvimento e nos elementos maturacionais.

Para finalizar esse breve texto não poderia deixar de citar outro processo importante que ocorre junto às identificações que é a “desidentificação” que ocorre ao longo da vida, porém privilegia os momentos de crises evolutivas e de sentimentos contraditórios.

Portanto, passar por essa fase da vida é complexo e exige de todos os envolvidos nessa trama paciência e cuidado, pois as patologias do vazio, estruturas narcísicas, os borderlines, sentimentos do não ser, a invisibilidade psíquica, as adições são frequentes e comuns hoje em nossa cultura.

Bibliografia:

- ❖ OUTEIRAL, José. **Atendimento psicanalítico de adolescentes**. Coordenação da série Isabel Cristina Gomes. São Paulo: Zagodoni, 2012. ISBN: 978-85-64250-36-9.
- ❖ RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. ISBN:85-85717-23-8.

ENTREVISTA

Suicídio, Automutilação e Cigarro Eletrônico

A equipe editorial do Informa, motivada pelo tema “Adolescência” procurou trazer ao leitor, diferentes olhares, para uma compreensão mais apurada deste universo, neste momento atual. Para isso, tivemos o prazer de conversar com o médico hebiatra Dr. Maurício de Souza Lima. A seguir, o leitor acompanhará a síntese deste encontro.

Dr. Maurício de Souza Lima - Médico Hebiatra pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Doutorado em Ciências/Pediatria pela Faculdade de Medicina da USP. Foi Vice-Presidente do Departamento de Adolescência da Sociedade de Pediatria de SP e Membro da Diretoria da Associação Paulista e da Associação Brasileira de Adolescência. É graduado também em Psicologia. Ganhou o Prêmio Jabuti com o livro *Filhos Crescidos, Pais Enlouquecidos* (Ed. Landscape)

Iniciamos o encontro falando sobre a questão do suicídio, pois havia acabado de ocorrer um caso em São Paulo, que foi divulgado pela mídia e, antes de nosso encontro, o Dr. Maurício deu uma entrevista sobre o tema. Segundo ele, sempre que isso acontece, as pessoas se questionam o porquê e como isso ocorre. Dr. Maurício explica que uma das formas utilizadas é o enforcamento. Na internet, os adolescentes encontram tutoriais completos de como fazer um laço com corda ou com um pano. O objeto escolhido é passado pelo pescoço e amarrado no toalheiro ou maçaneta da porta, provocando um desmaio repentino. A falta de sangue no cérebro, faz com que no dia seguinte, a pessoa seja encontrada sem vida.

Quando uma pessoa amarra algo no pescoço, aos poucos vai faltando oxigenação no cérebro, o sangue deixa de circular neste órgão e o corpo automaticamente vai falecendo. Isso é chamado de síncope vasovagal ou desautonomia. Quando isso ocorre, devemos deitar a pessoa e suspender suas pernas. Se a pessoa é encontrada após um curto período de tempo, há chance de reverter o quadro.

Dr. Maurício nos alerta que muitas vezes, o adolescente dá indícios de que as coisas não vão bem e contam em seu consultório, que já fizeram mais de uma tentativa. Porém, às vezes, infelizmente, na primeira tentativa o desfecho é triste, o que gera muita culpa na família.

Ao comentar sobre os adolescentes que se cortam, ele nos esclarece que a automutilação é uma forma encontrada por eles de aliviar a tensão e, quando o sangue está saindo, dizem que a dor mental é maior que a dor física. Se cortam com lâminas de gilette ou apontadores, estiletes, compassos ou quebram copos para utilizarem um caco de vidro.

Nesta fase do desenvolvimento, os adolescentes querem se sentir pertencentes a um grupo que se identifique, sendo assim, é comum percebermos grupos da escola com características comuns, desde o vestuário até características de diagnósticos como depressão e ansiedade, por exemplo. Estes adolescentes buscam o reconhecimento de seus pares para se sentirem mais seguros, pois essa fase causa muita insegurança.

Dr. Maurício alerta que é muito comum os amigos saberem sobre essa prática, antes da família. As conversas sobre esse tema, vão aumentando e eles trocam experiências de como se cortar, sem que ninguém perceba. É comum os adolescentes utilizarem blusas de mangas longas e nunca tirá-las.

Outro fator que vem impactando muito a saúde dos adolescentes é a utilização do cigarro eletrônico. Apesar de ser proibido, por lei, desde agosto de 2009, aqui no Brasil qualquer um pode comprar pela internet e receber em casa num curto espaço de tempo. Essa geração abraçou o cigarro eletrônico, diz ele.

Há cigarros com essência e sem nicotina, mas os adolescentes gostam da nicotina, pois dizem que baixa a pressão e gostam dessa sensação. Mas, na verdade, a nicotina aumenta a pressão arterial. Os malefícios não são percebidos, tampouco a rapidez com que o vício se instala. Dr. Maurício conta que alguns de seus pacientes relatam que fumam até dormindo, pois encontram o cigarro em suas camas.

A nicotina pode gerar EVALI (nova doença pulmonar relacionada ao uso dos cigarros eletrônicos).

Isso gera uma compulsão que combina com a não frustração e o prazer imediato.

Como é fácil para comprar e carregar, além de não tem cheiro, os adolescentes utilizam esses cigarros em qualquer hora e em qualquer lugar, até mesmo dentro de sala de aula, sem que os professores percebam.

Já existem cigarros eletrônicos com maconha, as canetas de maconha com altíssimo THC (tetra-hidrocarbinol), princípio básico da planta. Esta droga está cada vez mais liberada e também causa dependência. A maconha é uma droga ansiogênica, que relaxa, mas quando acaba o efeito, causa mais ansiedade e mais desejo de fumar.

É na adolescência que se formam novas conexões cerebrais, por volta de 86 bilhões de neurônios, até os 23/24 anos e o consumo dessas substâncias, podem prejudicar as habilidades de memória, tomada de decisão e o equilíbrio motor.

Dr. Maurício alerta que os jovens têm utilizado remédios para TDAH na balada. Tomam Venvance para ficarem acordados por 24h e também abrem sua cápsula para cheirar o pó.

O Dr. Maurício percebe que essa geração de pais, tem dificuldades em permitir que seus filhos se frustrem, impedindo o amadurecimento emocional. A cultura da felicidade deve estar

presente sempre, e quando encontram barreiras ou desafios que a realidade impõe, não sabem lidar e tolerar esses sentimentos ou emoções. Outro aspecto levantado por ele, é a falta de uma comunicação adequada entre pais e filhos, muitas vezes, cada um está conectado em seu celular e não há diálogo.

Os adolescentes acham que a vida é como “joguinho”, tem muitas oportunidades, porém não conseguem ser frustrados e ficam ansiosos. Suas percepções da realidade são superficiais, não se aprofundam, e tudo é realizado com muita rapidez o que reforça o sentimento de onipotência. Como se no pico da montanha fossem encontrar a felicidade, querem chegar lá e se manter lá, segundo o Dr. Maurício.

A adolescência/juventude é o período compreendido entre os 10 e 24 anos de idade, período reconhecido pela Organização Mundial da Saúde. Nesta fase, é esperada a transgressão, o questionamento sobre os valores, uma necessidade de transformar a realidade. Porém, cabe aos responsáveis, dar limites, com amor e diálogo, sem deixar de monitorar o que está acontecendo.

Durante o período de isolamento causado pela pandemia Covid-19, muitas famílias tiveram uma surpresa ao conhecerem seus filhos, justamente por essa falta de convivência diária com seus filhos.

Dr. Maurício finaliza o nosso encontro, recomendando a volta do diálogo, do olho no olho, do limite, do acolhimento e de atividades ao ar livre, junto à natureza.

ARTIGO

Infância e juventude: repercussões pandêmicas

Danila Di Pietro - Doutoranda em Educação/UNICAMP - Especialista em competências socioemocionais.

O desenvolvimento da criança e do adolescente é sempre um processo permeado por descobertas e desafios, tanto para o sujeito em si que se desenvolve, quanto para as pessoas que os rodeiam. De todo modo, os campos de diversas áreas do conhecimento como, psicologia, pedagogia, sociologia, antropologia e outras, acumulam saberes que norteiam sobre o que se esperar durante o crescimento do ser humano. Porém, esses conhecimentos não estavam mobilizados à reviravolta que o mundo teria.

Desde o ano de 2020 tivemos nossas vidas impactadas pela pandemia provocada por um vírus que transformou o modo como as pessoas estabeleciam sua rotina. Precisamos passar a conviver com perdas de toda ordem: nas decisões cotidianas sobre ir e vir, no contato físico, na segurança material e na saúde, em última instância, por meio do luto coletivo pela perda de mais de meio milhão de pessoas, só no Brasil. Essa nova configuração da convivência trouxe efeitos negativos no desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes, entre eles, a saúde mental se revela como prioridade. Um estudo, conduzido pela Faculdade de Medicina da USP, divulgado em 2021, indica que 36 % de mais de 6000 respondentes de crianças e jovens, entre 5 e 17 anos, apresentaram sintomas de ansiedade e depressão durante a pandemia. Embora em menor proporção, esses números são convergentes com a realidade mundial. A UNICEF conta, em relatório publicado em 2021, que 166 milhões, que representam

13% de crianças e adolescentes, entre 10 e 19 anos no mundo, tem algum transtorno mental diagnosticado. Já era anunciado no início da pandemia que haveria consequências para a saúde mental da população mundial, mesmo sem saber naquele momento da sua intensidade o alerta se apresentava.

Não é possível desconsiderar que, se a pandemia provocou consequências para todas as pessoas, para a criança e para o adolescente essa experiência se torna mais intensa, pois são sujeitos que se encontram em processo de formação social, emocional e cognitiva. Nesse sentido, a literatura dos vários campos

de conhecimento indica que a presença de pares é fundamental para a constituição da própria identidade. Há uma aprendizagem social que se faz apenas na presença do outro.

Para algumas crianças e jovens foi possível desenvolver-se por meio da tecnologia, as telas oportunizaram de algum modo o contato com as aprendizagens acadêmicas, com seu par. Para muitas outras, talvez a grande maioria da infância e juventude brasileira, nem esse meio foi possível, devido às gigantes desigualdades sociais que constituem nossa nação.

Contudo, tanto as camadas mais privilegiadas, quanto as menos favorecidas, retornam à escola buscando um certo tipo de normalidade, que pudesse trazer a segurança de que há alguma possibilidade de prever o futuro. Porém, o ano de 2022 mostrou que nossas crianças e jovens, embora, boa parte, saudosos do convívio presencial, retornam frágeis emocionalmente, irritados, quando não, violentos, além de demonstrarem esquecimento de rotinas escolares. Procedimentos que eram simples e corriqueiros na escola, precisam ser retomados exaustivamente. O foco para o aprendizado passa a ser algo raro. E assim, a desejada normalidade mostra que não é possível retomar do ponto em que paramos em 2020.

É preciso considerar que há um novo normal, um normal tenso, fadigado, desconcentrado e que ao mesmo tempo que vibra com a volta para a escola, se ressentida da perda da autonomia que tinha no ensino remoto.

O que pode fazer a escola diante de tal cenário?

Em primeiro lugar, aceitar que essa pandemia trouxe perdas de toda ordem, de segurança material, de vidas e também de conteúdos escolares. Em segundo lugar, considerar que a dimensão emocional está requisitando intervenções que não podem ser invisibilizadas pela escola. E, no cruzamento do primeiro com o segundo lugar, reconhecer que se é preciso trabalhar a questão emocional, o currículo da escola não terá espaço para dar conta de dois anos de conteúdos acadêmicos no ano de 2022. Portanto, é o momento de se fazer escolhas, selecionar e priorizar o que é importante. Nesse momento, é importante acolher, fazer uma escuta qualificada, favorecer a expressão de sentimentos, desenvolver estratégias de como lidar com emoções que promovam o bem-estar de si e de outrem, como também reconhecer os limites de atuação da escola e encaminhar para especialistas casos graves.

Tão importante quanto acolher crianças e jovens, é ter ações intencionais da escola também para o acolhimento dos adultos que constituem esse ambiente. São essas e esses adultos que subsidiam o bem-estar de todos os alunos. Não dá para oferecer cuidado, sem estar minimamente também sendo cuidado.

Atuar em prol do acolhimento, em consideração ao bem-estar emocional, nos aproxima de uma perspectiva de educação, embora já indicada por legislação vigente, nem sempre executada, trata-se da educação integral. A educação integral não se limita à instrução intelectual, mas a associa a outras dimensões que unem nossa humanidade, por meio do desenvolvimento afetivo, moral, da arte, do corpo e na integração com o meio ambiente.

Se essa pandemia nos provocou muitos efeitos, que consigamos também recolher os bons frutos, que ela tenha nos transformado em pessoas mais humanas.

ACONTECEU

Neste espaço divulgamos e registramos, por ordem de realização, os eventos promovidos pela ABPp Seção São Paulo, durante o 1º semestre de 2022. A maioria dos eventos realizados pela ABPp SP foram realizados pela Plataforma Zoom.

EVENTOS REALIZADOS NO 1º SEMESTRE DE 2022

- ✓ 14/02 (2ª feira) e 11/03 (6ª feira) - Reunião do Conselho Estadual.
- ✓ 17/02 (5ª feira) e 27/06 (2ª feira) - Reunião do Projeto Social - com Supervisores e Colaboradores .

- ✓ 21/02 (2ª feira), 28/03 (2ª feira) e 08/04 (6ª feira) - Reunião do Projeto Social – com Supervisores e Coordenadores .
- ✓ 18/03 (6ª feira) – Live com Marisa Irene Siqueira Castanho - para associados e não associados – plataforma do YouTube. Tema: Contribuições da supervisão e terapia na postura e formação do Psicopedagogo.
- ✓ 21/03 – 2ª feira - Reunião do Conselho Fiscal .
- ✓ 04/04 (2ª feira) e 05/04 (3ª feira) – Banca de Titularidade .
- ✓ 18/04 (2ª feira), 02/05 (2ª feira), 13/06 (2ª feira) e 02/07 (sábado) Curso com Profa. Lia Leme Zaia - para associados e não associados – plataforma Zoom. Tema: Introdução ao pensamento formal: contribuições para avaliação do desenvolvimento cognitivo.
- ✓ 18/04 **Psicopedagogia: Aprendizagem e Humanização XII Congresso Brasileiro de Psicopedagogia VI Simpósio Internacional de Psicopedagogos Edição OnLine - De 07 a 09 de julho de 2022**

PROJETO SOCIAL

Projeto Social da Associação Brasileira de Psicopedagogia Seção São Paulo ABPp SP - vai à Comunidade

O Projeto Social, **ABPp SP vai à Comunidade**, está crescendo e podendo atender algumas demandas de instituições que nos procuram para realizarmos um trabalho psicopedagógico clínico e institucional.

Convidamos vocês, associados, para fazerem parte da nossa equipe.

M^a Cristina Natel

Coordenadora do Projeto Social (gestão 2020/2022)

Associe-se à ABPp SP e faça parte deste projeto!

Inscreva-se: <https://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/inscreva-se/>

Procure mais informações em:

<http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

TEXTO INFORMATIVO

O uso da tecnologia pelas crianças e jovens adolescentes

Ruth Nassiff - Pedagoga, psicopedagoga, terapeuta de família e casal, mediadora do Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI 1 e 2), do Professor Reuven Feuerstein, Orientadora Profissional, Diretora Cultural Adjunta - Gestão 2020 – 2022, da Associação Brasileira de Psicopedagogia da Seção São Paulo e Orientadora Educacional de escola privada de São Paulo.

Como orientar os pais e as crianças com relação ao uso da tecnologia?

Se o assunto sobre o uso da tecnologia está presente de forma ampliada, então, como dialogarmos com os pais das crianças e adolescentes que atendemos na psicopedagogia?

Começamos a identificar, a relação do uso da tecnologia à aprendizagem; ao ganho aumentado dos diagnósticos e à queda nos rendimentos escolares.

O uso excessivo da tecnologia pode apresentar fatores de risco como destacam Moura, Martini, Alves e Botelho (2020), que estão interseccionados com os aspectos psicológicos, biológicos e sociais. As crianças e os adolescentes podem apresentar baixa autoestima, dificuldades nas habilidades sociais (manejo de sentimentos desagradáveis e baixa comunicação), timidez excessiva, transtornos mentais, depressão e ansiedade, dificuldades no autocontrole.

Os fatores levantados podem ser agravados em relação aos aspectos sociais, isolamento do mundo real, os jogos como o único local de aceitação social, falta de lazer e passatempos saudáveis e gratificantes, bullying, pressão no trabalho e na escola, falta de limites quanto ao uso dos jogos, sentimento de pertencimento dentro de uma equipe de esportes eletrônicos – *eSports*.

Segundo Moura, Martini, Alves e Botelho (2020), o ciberespaço é um campo fértil para a impulsividade e a dependência de indivíduos que possuem pouco contato interpessoal em sua vida real. Os usuários da internet sentem-se tão gratificados com esse meio social virtual que se distanciam do real. Há riscos das crianças e jovens tornarem-se vítimas e caírem em armadilhas nas redes sociais, como: pedofilia, receber influências dos youtubers sem controle dos conteúdos e estímulos às práticas e atividades irresponsáveis e, muitas vezes, de alta periculosidade.

Com relação à orientação aos adultos, a autora Eisenstein (2020) relata que é importante manter o diálogo entre os pais e filhos, explicando o uso adequado da internet nas mídias sociais e jogos virtuais e qual a consequência do uso em excesso. Sugere determinar regras de convívio social e horários de uso dos dispositivos e aplicativos para a família; estabelecer limites, esclarecer o que pode ou não ser acessado, dando atenção ao compartilhamento de fotos, imagens e outras informações nas salas de bate-papo ou durante os jogos *on line*; ensinar aos filhos como configurar e bloquear mensagens ofensivas, discriminatórias, ameaçadoras, inapropriadas ou qualquer conteúdo violento, típicos de redes de intolerância ou ódio; denunciar esse tipo de mensagens em sites apropriados; recomendar às crianças e jovens para não fornecer suas senhas pessoais virtuais ou dar acesso a qualquer pessoa; não aceitar prêmios, brindes ou presentes oferecidos pela internet, nem concordar com qualquer outro tipo de chantagem, ameaça ou pressão dos colegas ou qualquer pessoa *on line*.

Os pais são responsáveis por seus filhos e sugere-se algumas ações como ter acesso às suas senhas virtuais, quando necessário, sem serem intrusivos; é de extrema importância que criem tempo saudável com as crianças ou jovens, evitando o uso da tecnologia em viagens, proporcionando passeios ao ar livre, em contato com a natureza, para preservar a saúde física, mental e comportamental da família; brincar; manter os eletrônicos fora dos momentos das refeições e ao deitar-se; desabilitar sinais sonoros dos e-mails, das redes sociais e dos aplicativos de mensagens; trocar informações com outros pais e a comunidade escolar sobre os conteúdos de risco e práticas positivas que podem ser substituídas pelo uso em excesso da tecnologia.

Os pais devem estar atentos que o modelo saudável para os seus filhos, exige, além da presença física, da dedicação, a responsabilidade de estabelecer conexão para interagir com seus filhos.

Conforme estudamos mais sobre o uso da tecnologia em excesso, pelas crianças e jovens, identificamos o quanto essa dependência tem afetado as relações sociais e a aprendizagem escolar. Recebemos pacientes na clínica e alunos na escola, com o transtorno de dependência tecnológica, ou seja, a adicção da tecnologia que gera a falta de interesse em aprender e o déficit atencional para os aspectos escolares. É comum os pais relatarem que seus filhos, crianças e jovens, interagem de 5 a 8 horas por dia, com os jogos virtuais e em redes sociais, fazendo com que eles não consigam organizar uma rotina de estudos, manter o autocontrole físico e psicológico, porque ficam “pilhados” e ansiosos ao jogar, varando noites e madrugadas adentro e não conseguindo levantar-se no dia seguinte para ir à escola ou para estudar.

Segundo Abreu (2020), a dependência tecnológica, a patologia digital de comportamento, deu-se recentemente, pelo reconhecimento do uso de jogos eletrônicos como um problema de saúde mental. Foi assim que, em 2013, a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5 incluiu o transtorno do jogo pela internet, como uma das novas formas patologias da atualidade. Os critérios para diagnóstico de dependência de internet têm por base as manifestações de alguns aspectos:

1. Preocupação excessiva com a internet.
2. Necessidade de aumentar o tempo conectado (*on-line*) para ter a mesma satisfação.
3. Exibir esforços repetidos para diminuir o tempo de uso da internet.
4. Apresentar irritabilidade e/ou depressão.
5. Quando o uso da internet é restringido, apresenta oscilação emocional (isto é a internet utilizada como forma de "regulação emocional").
6. Permanecer mais conectado (*on-line*) do que o programado.
7. Ter o trabalho e as relações familiares e sociais em risco pelo uso excessivo de internet.
8. Mentir aos outros a respeito da quantidade de tempo em que fica navegando.

Abreu acrescenta que as funções mentais são maleáveis às demandas e aos estímulos do ambiente, principalmente quando falamos nas novas formas de aprendizagem, decorrentes da nossa grande capacidade adaptativa cerebral. As interações com a internet do *smartphone*, provocam mudanças expressivas nas regiões corticais, associadas ao processamento motor e sensorial, em decorrência de grande estimulação das mãos e dos dedos, tão necessários à utilização dos aparelhos.

Somos da psicopedagogia, da área que dialoga com a aprendizagem, sugerimos um olhar aguçado, uma intervenção meticulosa neste assunto, ao invés apenas de levantarmos hipóteses diagnósticas, pois o uso acentuado da tecnologia ocasionará transtornos que impedirão a boa relação com o aprender e com o brincar, com influências negativas nas relações sociais. Algumas evidências já indicam, inclusive, que a navegação constante nas plataformas digitais, com o conseqüente decréscimo progressivo de trocas com o mundo real, provoca efeitos bastante deletérios de certas funções cognitivas. Portanto, com o uso excessivo, poderá haver perda da capacidade atencional e diminuição da criatividade, entre outros (Kymberly & Abreu, 2019).

Vale a pena a leitura das referências bibliográficas indicadas para nos conscientizarmos cada vez mais que há muito a comunicar e fazer, com as crianças e jovens que atendemos, mantendo a pauta sobre o uso da tecnologia, nas sessões, contribuindo assim, para a educação digital deste público.

Bibliografia:

- ❖ Como lidar com a dependência tecnológica – guia prático para pacientes, familiares e educadores – Editora Hogrefe. 2020. São Paulo.
- ❖ Tela com cautela – guia prático para criar filhos na era digital (sem perder a sanidade) Rafaela Carvalho & Roberta Ferec – Editora Matrescência. 2019. Curitiba.
- ❖ Vivendo esse mundo digital – impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais – Cristiano Nabuco de Abreu, Evelyn Eisenstein, Susana Graciela Bruno Estefenon – Artmed. 2013. São Paulo.
https://dependenciadeinternet.com.br/cartilha_uso_tecnologia_v5.pdf
- ❖ E-book da Sociedade Brasileira de Psiquiatria
https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf

BIBLIOGRAFIA



Livro:
A Adolescência
Contardo Calligaris
Publifolha



Livro:
Adolescência Normal
Arminda Aberastury,
Maurício Knobel
Ed. Artmed



Livro: A causa dos Adolescentes
Françoise Dolto
Ed. Nova Fronteira



Livro: Cérebro Adolescente: O grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos
Daniel J. Siegel
nVersos Editora

OBSERVAÇÃO

Neste periódico, o uso do gênero masculino não tem intenção discriminatória e se justifica pela norma padrão.

EXPEDIENTE – DIRETORIA EXECUTIVA 2020 / 2022

DIRETORIA EXECUTIVA

DIRETORA PRESIDENTE: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

DIRETORA VICE-PRESIDENTE: Andréa de Castro Jorge Racy

DIRETORA SECRETÁRIA: Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

DIRETORA SECRETÁRIA ADJUNTA: Paula Roberta M. Fernandes de Castro Santos

DIRETORA FINANCEIRA: Helena Maria Barbosa da Silva

DIRETORA FINANCEIRA ADJUNTA: Márcia Alves Verri

DIRETORA CULTURAL: Cecília Gereto de Mello Faro

DIRETORA CULTURAL ADJUNTA: Ruth Nassiff

DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Maria Lúcia Moura Caruso

DIRETORA ADJUNTA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Daniella de Moura Pereira Robbi

PROJETO SOCIAL

COORDENADORA DO PROJETO SOCIAL:

Maria Cristina Natel

CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Camila Barbosa Riccardi León

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Eliana Santos Moura

Ernani Pereira Junior

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

CONSELHO FISCAL:

Márcia Maria Machado Monteiro

Ymei Uvo de Sá Trench

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**

EDITORA DE REDAÇÃO: Andréa de Castro Jorge Racy

CONSELHO EDITORIAL: Ariane Zanelli de Souza, Maria Cristina Natel e Cecília Gereto de Mello Faro e Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

TIRAGEM: 500 exemplares

CRIAÇÃO E IMPRESSÃO: KOSMOGRAF